

## **A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM SÍNDROME DE DOWN.**

ANA CRISTINA DIAS ROCHA LIMA (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ).

### **Resumo**

O trabalho, que teve a duração de um ano, foi realizado numa instituição que atende somente pessoas com Síndrome de Down, na cidade de Jundiaí. Esteve pautado nas reflexões sobre as práticas sociais em sala de aula, que derivam de projetos da Secretaria Municipal de Educação, que podem, ou não, ser alinhadas aos projetos pedagógicos institucionais de organizações especializadas no trabalho com síndrome de down. O objetivo da pesquisa esteve pautado no trabalho de alfabetizar alunos entre 11 a 23 anos, a partir do uso de práticas sociais de leitura e escrita presentes na vida de cada um deles. Foram utilizados diferentes portadores de textos conforme as necessidades individuais de aprendizagem. A escrita ora era coletiva, ora individual. Às vezes a professora era a escriba, às vezes era o próprio aluno. Foram realizados grupos na sala de aula com os alunos para a realização do trabalho, o que ajudou no registro das observações, dos avanços e das dificuldades de cada um e do grupo. O projeto foi dividido em dois períodos: primeiro e segundo semestres, como uma forma de poder verificar e avaliar o desenvolvimento do trabalho pedagógico aplicado ao grupo e às metas exigidas pela Secretaria de Educação do Município. Verificou-se que é possível trabalhar com o Down, tendo como método a psicogênese da língua escrita.

### **Palavras-chave:**

psicogênese, práticas pedagógicas, Síndrome de Down.

### **Apresentação**

A alfabetização é tema de permanentes discussões nas horas de estudos da Secretaria de Educação de Jundiaí. No entanto, não se pretende discuti-la aqui, mas sim dizer de como foi trabalhada ao longo dos semestres de 2007 e 2008 com alunos que têm a Síndrome de Down, que é associada a um retardamento mental e a má formação congênita. Há incidência maior materna e menor paterna. Recebe uma outra denominação como a Trissomia do 21<sup>1</sup>. A síndrome é bastante visível logo que a pessoa nasce. Traços comuns são: fissuras palpebrais inclinadas para cima; ausência do Reflexo de Moro<sup>2</sup>; hipotonia, a criança é muito mole; pescoço curto; ponte nasal plana; orelhas com implantação baixa; boca aberta; língua saliente sulcada; mãos curtas e largas. Na mão uma única prega palmar transversal ou transversa. Pés apresentam espaços entre o primeiro e o segundo dedos.

Há atraso no desenvolvimento, não se observa, às vezes, nos 3 a 4 meses. Problema de cardiopatia congênita, tal problema pode não permitir que nasçam ou quando chegam a nascer se muito sério morrem mais tarde, caso não tratada a doença. Mas há operações para evitar tais riscos. Um outro risco é o de leucemia e fissura traqueoesofágica, anomalias no trato urinário, pode ter hipoleidismo; retardo na formação óssea, problemas de infecções que são mais suscetíveis.

Os alunos, embora com a síndrome, participaram do processo de alfabetização pensado para alunos tidos como "normais". As mesmas atividades dadas a esses alunos "normais" foram aplicadas com os alunos com a síndrome. Foi trabalhada a teoria da psicogênese da língua escrita.

A disciplina de Linguagem Oral e Escrita desenvolveu-se com base na teoria da psicogênese da língua escrita - estudos de FERREIRO & TEBEROSKY (1991) que a partir da teoria construtivista de Jean Piaget, descreveram como as crianças constroem a escrita e, com isso, trouxeram grandes contribuições aos educadores envolvidos no processo de alfabetização

"... as pessoas com Síndrome de Down, de modo geral, passam pelos mesmos caminhos de aprendizagem que as crianças ditas normais, não necessitando assim de métodos "especiais" de ensino, mas sim de um educador que de fato compreenda o desenvolvimento humano e saiba aplicar seus conhecimentos no processo de ensino aprendizagem de QUALQUER criança."(SALUN & STEGUN, 2000, pp. 13-14)

A disciplina baseou-se no conhecimento prévio dos alunos, para auxiliar na construção de conhecimento, facilitando a compreensão desses á comunicação com o mundo externo. Tal disciplina serviu de interação (inter + ação) em que os sujeitos interiorizaram, com significado, relacionando-a e aplicando-a no seu cotidiano dentro e fora da escola: nos diferentes segmentos sociais: cinema, clubes, supermercados, na rua, em passeios, em parques, circos...

Serviu de instrumento de ação: figuras, livros, músicas, diferentes portadores de textos, jogos, brincadeiras, filmes e teatros. Essas foram algumas das formas que serviram em atividades do dia a dia para construir com os alunos seu desenvolvimento nas áreas: cognitiva, auto cuidados, linguagem, socialização e desenvolvimento motor.

O homem é sujeito de sua própria história e enquanto faz e acontece, seu registro vai se fazendo em memórias: fotos, livros, papel e outros de forma a garantir que sua história seja passada de pai para filho. Ler essa história de diferentes maneiras e podê-la escrever, também, em diferentes maneiras é um trabalho a ser fomentado com escritas e leituras próprias dos alunos ampliando e levando em consideração a sociolingüística na sala de aula.

Erros de português são simplesmente diferentes entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola. (RICARDO, 2004, 37).

A escrita e leitura própria de cada aluno estão ligadas a seus conhecimentos prévios foram levadas em considerações no processo ensino-aprendizagem. Esse processo foi o acompanhamento dos conhecimentos que os alunos trouxeram com eles e que na sala, foram de uma forma coletiva tecendo seus saberes organizando de forma intrínseca esses mesmos saberes.

O processo de aprendizagem e ensino foram construídos na medida que os alunos entraram em contato com novas informações, portanto se tratou de um conhecimento inacabado. Sendo assim, o processo teve início, continuidade sem um fim. A não ser quando respeitou um tempo e apresentou um produto final como os projetos educacionais que foram trabalhados, pode-se dizer em um fim, por respeito ao tempo estipulado para se trabalhar aquele projeto ou a aquela atividade.

A descrição de cada um esteve ligada a um saber próprio, de uma cultura e oralidade próprios, que foram levados em consideração.

Os alunos foram levados a confrontar com outros saberes já existentes, de forma a politizá-los quanto o que se aprende, levando em consideração as imagens formadas por cada um dos alunos.

A imagem mental do significado da frase está evoluindo à medida que a frase é lida. O desenvolvimento evolutivo da imagem sendo formada pela frase é interrompido cada vez que o significado de uma palavra desconhecida não pode ser incorporado à imagem. O problema será maior cada vez que encontrarmos uma palavra cujo significado não possui uma imagem mental correspondente. Teremos ao fim de uma série de imagens não relacionadas entre si, com espaços em branco entre elas. (DAVIS, 2004, 40)

Toda construção do conhecimento no coletivo levou os alunos a constantes trocas e confrontações com suas crenças e (pré-) conceitos, portanto, essa foi uma prova da quebra de um esquema linear da comunicação pedagógica. Alunos e professor construíram o saber e a história, tanto coletivo quanto individualmente.

### **Objetivo Geral do Componente Curricular**

Construir com o aluno sua independência e garantir com ele seu desenvolvimento fazendo-se uso da linguagem do próprio aluno e expandindo-a de forma que ele possa se comunicar com outras pessoas e vice-versa, na forma convencional. Trabalhar a leitura e a escrita pictográfica de modo a aumentar a sua informação sobre o mundo que o rodeia e construir novas formas de comunicação a partir da sua linguagem própria, para que seja entendida por outros interlocutores (alfabetização aqui entendida como aprender a ler e a escrever convencionalmente).

### **Procedimentos metodológicos**

Foram trabalhadas *atividades ocasionais* e *atividades permanentes*: oração; músicas: de entrada e dos dias da semana; calendário; mapas; tempo; chamada; leitura dos combinados; roda de conversa; alfabeto; estações do ano; meses do ano; cabeçalho na lousa.

*Atividades permanentes:*

#### **1. Oração**

Os alunos realizavam a oração no início da aula, todos os dias, o que proporcionou a todos a memorização dela, que foi construída por eles no começo do ano, tendo a professora como escriba.

*Senhor, muito obrigado por mais este dia;*

*Pelos colegas, pelas professoras e por todos que trabalham aqui.*

*Abençoe a todos nós,*

*Amém.*

## 1. Música

A música cantada por eles foram duas, que envolviam o nome de cada um, como uma forma de guardarem o nome dos colegas e também de se identificarem quando pronunciado o seu nome. Hora essas músicas eram cantadas por eles com apoio do CD, ou com o apoio da professora.

As músicas fizeram parte de um dos materiais didáticos, nesse caso um CD de músicas infantis.

*Músicas: A) Boa tarde coleguinha*

*Boa tarde coleguinha como vai! (2x)*

*Faremos o possível para sermos bons amigos*

*Boa tarde .....como vai! (Fala-se o nome de um coleguinha da sala)*

*B) Onde está o coleguinha?*

*- Oh, ..... (2x) (Fala-se o nome de um coleguinha da sala)*

*- Onde está? (Sala toda)*

*- Aqui estou! (Resposta do aluno(a))*

*- Vamos dar boa tarde, vamos dar boa tarde! (Sala toda)*

*- Como vai! (Sala toda)*

- *Eu vou bem! (Resposta do aluno)*

## 1. Calendário

O calendário também foi trabalhado todos os dias com os alunos.

Era cantada uma música que falava os dias da semana: quantos eram e quais eram. Isso proporcionou aos alunos a memorização da seqüência dos dias e quantos eram.

*"Sete dias a semana tem*

*Quando um acaba o outro logo vem.*

*Domingo, segunda, terça-feira*

*Quarta-feira, quinta-feira*

*Sexta-feira, sábado que bom!"*

Os alunos contavam os dias de 1 a 31 para saber qual número era correspondente aquele dia questionado.

Na sala, os alunos eram estimulados a desenharem o tempo: se nublado, se parcialmente nublado, se ensolarado ou chuvoso no cartaz. Foi uma forma pensada pela professora responsável da sala para que eles percebessem a mudança de clima, bem como aprendessem sobre cada um deles. Para isso ela saía com os alunos da sala de aula para que verificassem o tempo e que depois pudessem registrá-lo, nesse caso o registro era realizado pelo ajudante do dia. Mas quando o ajudante faltava, seguia-se a lista de chamada e o próximo é que o faria.

Os alunos guardaram não somente a seqüência dos dias da semana, como também o número correspondente ao dia do mês.

As estações do ano também seguiram o mesmo modelo de memorização, todos os dias eram oralizadas de forma coletiva e depois individualmente. Os alunos acabaram por memorizar a seqüência e também a quantidade. Porém se questionados sobre qualquer uma das estações sem seguir uma a seqüência que é conhecida convencionalmente: Primavera, Verão, Outono e Inverno; os alunos eram capazes de dizer qual é a estação que está sendo perguntada. As perguntas eram essas: Qual o nome da estação das flores?/ Qual o nome da estação do calor?/ Qual o nome da estação das frutas?/ Qual o nome da estação do frio?

Essas questões foram feitas de forma aleatória e eles souberam respondê-las.

## **1. Mapas**

Foi utilizado o globo terrestre para ensinar o Continente Americano, a América do Sul, o país Brasil. Os alunos tiveram que procurar o nome do país, procurando fazer uso de inferências, antecipação, checagem, tirando o máximo de uso das estratégias, buscavam pistas o tempo todo.

## **1. Tempo**

Na sala, os alunos eram estimulados a desenharem o tempo: se nublado, se parcialmente nublado, se ensolarado ou chuvoso no cartaz. Foi uma forma pensada para que eles percebessem a mudança de clima, bem como aprendessem sobre cada um deles. Para isso se saía com os alunos da sala de aula para que verificassem o tempo e que depois pudessem registrá-lo, nesse caso o registro era realizado pelo ajudante do dia. Mas quando o ajudante faltava, seguia-se a lista de chamada e o próximo é que o faria.

Os alunos guardaram não somente a seqüência dos dias da semana, como também o número correspondente ao dia do mês. Sabiam procurar o nome da semana: domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado.

## 1. Chamada

A chamada, na sala 1, era realizada todos os dias, no intuito de trabalhar a escrita, a leitura e a oralidade de cada um deles.

Foram feitas seis fichas no começo do ano que depois precisou se estender para sete, pois entrou um aluno novo e seu nome não constava na chamada.

No primeiro dia pedi aos alunos escreverem o seu nome, dessa forma pude verificar como cada um o escrevia.

No segundo dia escrevi três nomes, um dos quais era o nome do aluno e perguntava a cada um qual era o seu nome.

No terceiro dia pedi para que copiassem o seu nome do cartão, com o objetivo de verificar a capacidade de cada um de reprodução dos traçados das letras.

No quarto dia reescrevi o nome do aluno em uma folha e perguntei a cada um o que estava escrito nela.

No quinto dia passei a mostrar as iniciais de todos os nomes dos alunos da sala, perguntando qual o nome da primeira letra e de quem poderia ser aquele nome; quem na sala começava com aquela letra.

Ex.: Ocultava a segunda letra em diante.

**J**

No sexto dia passei a mostrar a letra final e questionava de quem poderia ser aquele nome; quem na sala teria o nome que terminasse com aquela letra. Ex.: Ocultava todas menos a última.

**A**

No sétimo dia ocultava da segunda sílaba em diante.

Ex.: **JA**

No oitavo dia ocultava todas as letras menos a última sílaba.

Ex.:

**NA**

## **1. Combinados**

Os combinados foram as regras estipuladas em sala de aula pelos alunos em conjunto com as professoras, cada sala fez os seus, que foram escritos na lousa e depois transcritos para um cartaz que ficou pregado no mural de cada sala, para que os alunos não esquecessem. Na sala 1, os alunos fizeram cartazes da mão, colagem da boca, das pernas e pés, e ditaram a professora o que queriam que ela escrevesse em cada cartaz.

## **8- Roda de conversa**

Falávamos sobre o que haviam feito na noite anterior, quando voltaram para suas casas: o que assistiram na TV, o que fizeram no final de semana. Depois era explicada a rotina do dia, ou ainda sobre os acontecimentos importantes que estavam acontecendo em nosso país ou no mundo. Era um momento para os alunos falarem o que sabiam, darem sua opinião. Um exemplo de assuntos discutidos foi à vinda do Papa Bento XIV ao Brasil.

## **9- Alfabeto**

O alfabeto era lido todo dia na sequência de A a Z. Isto foi feito para que os alunos memorizassem essas letras: seus nomes e posições (sequência). Socialmente é assim que aprendemos o alfabeto. O que ajudou os alunos a buscarem as letras para escreverem textos posteriormente.

## **10- Estações do ano**

Os alunos colaram figuras da Turma da Mônica para representar as quatro estações do ano. Eles procuravam o nome de cada estação fazendo uso de inferências, checagem, antecipação e outras pistas para realizar a leitura do cartaz.

## **11- Meses do ano**

Foi montado um cartaz para cada mês do ano. Os alunos inventaram uma música para eles e após cantarem, sempre procuravam mostrar no cartaz que sabiam os meses. Inclusive mostravam o mês em que estavam.

## **12- Cabeçalho na lousa**

Era colocado o cabeçalho na lousa e sempre trabalhado da seguinte forma: como chama a cidade que moramos? Que dia é hoje? Em que mês estamos? E em que ano estamos? Primeiro a professora escrevia e depois eles copiavam.

### *Atividades ocasionais*

Foram textos considerados valiosos para serem compartilhados com os alunos, embora pertencessem a um gênero, ou tratassem de temas que não tinham correspondência com as atividades que os alunos estavam realizando no momento: em outras ocasiões, alguns deles propuseram a leitura de um artigo jornalístico, um poema ou um conto que os impressionou e cuja leitura a professora fez por considerar interessante que eles a ouvissem.

### **Principais resultados obtidos**

O trabalho realizado denotou o avanço da sala, assim como mudança na prática pedagógica cuja experiência promoveu um processo educacional que atendeu às necessidades educacionais especiais dos alunos.

Os resultados apresentados, indica a satisfação da professora em realizar o trabalho pedagógico, pois os alunos se mostraram mais críticos, participativos, independentes e autônomos. Três dos alunos passaram para outra série. Apesar das dificuldades quanto a disponibilidade de tempo e auxílio financeiro para transporte e despesas para realização de alguns projetos, a prática pedagógica implementada foi enriquecedora.

O objetivo geral que era promover com eficiência o desenvolvimento global da pessoa com Síndrome de Down a ser agente transformador para que a sociedade respeite e incorpore a diversidade humana, além de desenvolver a autonomia e independência de cada aluno; teve um grande avanço.

Percebeu-se uma resposta dada às necessidades educacionais especiais dos alunos, ressaltado suas competências num currículo significativo, funcional e individualizado.

Significativo por fazer parte do cotidiano do aluno e atender às suas necessidades especiais, como saber vestir-se, comer, andar, sentar... Funcional porque o aluno colocava em prática, podendo perceber que aquilo que aprendia tinha um significado para sua vida, que o uso dessas práticas funcionava para ele em sociedade e na sua realização pessoal. Individual porque se trabalhou, de forma concomitante, com o grupo e com a pessoa em individual.

O trabalho procurou ser um espaço de circulação de conhecimento, tendo a formação da professor, pais e alunos como mote para a construção de possibilidades de promover as interções sociais. Da mesma maneira, quis apresentar um novo olhar sobre a diferença/deficiência muito marcada pelas desigualdades culturais e sociais. A avaliação realizada mostra o avanço de cada aluno componente curriculare: Linguagem Oral e Escrita.

1. Reconhece e utiliza gestos e expressões fisionômicas e palavras para comunicar-se e expressar-se;
2. Constrói repertório de palavras, frases e expressões verbais para fazer perguntas e pedidos;

3. É capaz de escutar histórias e relatos com atenção e prazer.
4. Pede para ler diferentes textos;
5. Procura livros de histórias ou outros portadores de texto do acervo.
6. Interessa-se em escrever seu próprio nome e de outras pessoas;
7. Recorre a escrita e propõe que se recorra quando tem de se dirigir a um destinatário ausente.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Jean Claude Passeron. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1975.

BORTONI - RICARDO, Stellamaris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez: Autores Associados. 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Escola viva, escola projetada**. - Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

SALUN & STEGUN, **Alfabetização de pessoas com Síndrome de Down: a qualidade faz a diferença**. São Paulo: Fundação Síndrome de Down: Campinas, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da.(org.), Stuard Hall, Kathryn Woodward.. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.